

MAKAS

NO

TÁXI

Uma narrativa inspirada em
histórias verdadeiras



Juvenália Da Costa

AVISO
IMPORTANTE

O texto articula considerações linguísticas não aceites na literatura Portuguesa, apresenta também expressões comuns do povo Angolano. Devido a existência de palavras ofensivas, aconselhamos a leitura para indivíduos com a idade igual ou superior a 14 anos.

VIOLAÇÕES DO DIREITO DE AUTOR Artigo 31º (VIOLAÇÃO DO DIREITO PATRIMONIAL)

Comete o crime de usurpação ilícita aquele que utilize uma obra literária, artística ou científica sem autorização do respectivo autor ou que exceda os limites da autorização concedida.

Quem vender, puser á venda, exportar ou por qualquer modo distribuir ao público obra usurpada ou contrafeita será punido com as penas previstas no artigo 32º.

E-mail: Juvenaldacosta@outlook.com

Contacto comercial: 924 432 671

Instagram: @nhiurcas

Facebook: Juvenalia Da Costa

*Juvenália
Da Costa*

CONTO

5º Episódio

O ASSALTO

Luena, uma jovem de vinte e três anos de idade, residente no bairro da Petrofe, primogénita da Dona Chica e do senhor Agostinho Kativa. Estudante de gestão financeira, que nos tempos livres trabalhava como cabeleireira para ajudar a mãe com as despesas de casa e também porque amava o que fazia. Luena tinha o grande sonho de ter o seu próprio salão de beleza, mas a questão financeira da família era muito delicada. Do pouco que tinham usavam para a alimentação e a escola dela e dos irmãos. O pai era militar e tinha duas famílias, sendo que o pouco que ganhava era dividido pelas duas casas prejudicando assim uns e beneficiando outros algumas vezes.

Naquela manhã, Luena acabava de organizar o seu material de cabeleira na mochila castanha quando a mãe chegou perto dela e perguntou-lhe:

- Lu aonde vais com tanta pressa?
- Vou trançar uma cliente mãe.
- Não tens aulas hoje?
- Tenho.

– Então como é que vais trançar a cliente se tens aulas? Eu já não te disse para pôr a escola em primeiro lugar?

– Mas mãe, eu...

– Mas nada! Se for por causa do dinheiro da propina do mês passado, fica descansada, se Deus quiser hoje vou vender bem na praça. – A mãe sentou-se sobre a grade vazia de cuca na entrada da porta.

– Mãe? Não vou faltar na escola. Hoje só tenho aulas às onze horas. Vou directamente para a universidade quando terminar de trançar a cliente.

– Essa cliente mora aonde então?

– No Kilamba.

– Ehé! É distante! Não ligaste para o teu pai por quê?

– É Mamã, deixa só! O Pai só dá dinheiro quando quer. A última vez que lhe liguei me disse que eu não sou a única filha dele. Eu sei que ele tem outros filhos, mas ele não precisava falar assim.

– Não liga o teu Pai. Ele fala assim porque não tem dinheiro ou porque àquela mulher dele está a lhe pôr coisas na cabeça para não mandar o dinheiro.

– Prefiro juntar o meu dinheiro e não lhe chatear mais. No final de semana vou trançar mais quatro clientes e vou conseguir pagar a tempo de fazer as provas na próxima semana. A Mãe não precisa se preocupar comigo. Ainda tens o Zeca, a Lina e a Filó para se preocupar.

– Tens um coração cheio de bondade minha filha. Mas eu sou tua mãe, se eu não te ajudar quem vai te ajudar mais? É minha responsabilidade pagar a escola e pôr comida nessa casa. – A mãe olhou com orgulho para a filha.

– Mãe, obrigada. Mas tenho que ir por que combinei com a cliente às oito e trinta. Essa hora a paragem fica muito cheia, não quero ficar no empurra empurra.

– Está bem filha. Vai, mas com muito cuidado. Nessas zonas tem muitos bandidos.

– Seis e meia da manhã, assim bem claro quem que vai me assaltar? Os bandidos há essa hora ainda estão a dormir. – Luena gozou com a preocupação da Mãe.

– Não brinca com isso Lu. Fica atenta porque o meu coração não está bem. Não dormí bem essa noite. Vai orando no caminho.

– Está bem mãe. Vou fazer isso. Tchau.

Luena pegou na pasta e saiu de casa a caminho da paragem de táxi. Já estava habituada a aquele trajecto porque a maioria das clientes morava naquela zona. Os dois primeiros táxis foram tranquilos, tirando uma situação de trocos entre o cobrador e um passageiro. O problema foi

resolvido rapidamente porque uma das passageiras tinha dinheiro trocado e aquilo mediou à situação.

Na paragem do Benfica, ouviu um lotador a chamar Kilamba e antecipando-se a uma moça ocupou logo o lugar. Nas primeiras horas do dia o táxi ficava mais difícil porque a maioria das pessoas saía para ir trabalhar. Sentou no banco junto ao cobrador por ser o último lugar a ser preenchido. O cobrador pagou os cinquenta kwanzas no lotador e depois o motorista arrancou o carro e seguiram caminho. A música reproduzida no rádio era suave, os passageiros tranquilos e pouco falantes. Uns tinham os olhos fixos na estrada e outros cabeceavam.

Luena estava atenta à estrada também porque estava habituada a levantar-se cedo devido a universidade. Tirou o telefone da pasta e usou para enviar uma mensagem para a cliente.

A mensagem:

Bom dia Dona Ana. Já passei a entrada do projecto. Essa é a minha última mensagem. Quando chegar, vou mandar “liga só”.

A seguir guardou o telefone, mas quando olhou para o cobrador teve a impressão de que ele estava incomodado por alguma coisa, tinha os olhos acesos como se estivesse revoltado, aflito, indeciso e com um pouco de

medo ao mesmo tempo. Mesmo com o vento da janela aberta a lhe bater no rosto magro e pálido, suave descontroladamente.

– Wey não morna, avança! – Disse o motorista virando-se para o cobrador rapidamente.

– Pára o mambo, vou recolher! – Respondeu o cobrador que se abaixou para pegar uma Ak-47 antiga e subitamente apontou para Luena, enquanto o motorista parou o carro e trancou as portas para que ninguém saísse.

– É assim família, vocês vão sair um por um e me entregar tudo que têm! Não quero ouvir nem quem nem quã!

Os passageiros ficaram admirados e muito assustados. O cobrador mandou Luena descer primeiro.

– Desce, não estás a ouvir porra?!

Luena estava em choque, o corpo paralisou automaticamente. Precisou do empurrão brusco do cobrador para poder mover-se. Rapidamente, o mesmo recebeu a pasta onde tinha o telefone e o dinheiro da menina.

– Desce agora porra e fica quieta aqui! – Falou apontando a arma em direção a testa da jovem Luena.

O motorista do lado de fora começou por sacudir a menina, procurando por dinheiro e objectos de valor.

Dentro do táxi, reações de medo e susto fizeram com que todos ficassem quietos e atentos ao movimento da arma.

– Moço, por favor, não me mate! Por favor. – Luena pôs-se logo a chorar encolhendo o corpo com medo que pudesse ser alvejada a qualquer momento.

Em ordem, o cobrador foi tirando um por um do táxi recebendo todos os seus pertences. Dentre eles telefones, perucas, carteiras, dinheiro e muito mais.

O Motorista estava do lado de fora a organizar quem saía para finalizarem a recolha e completar o assalto.

– Dá o dinheiro. – Gritou o cobrador pra um senhor de pelo menos quarenta e oito anos, de corpo cheio e largo que aparentava estar muito inconformado com a situação.

– Eu não tenho dinheiro irmão. Só vim com o dinheiro do táxi mesmo.

– Xé Papoite você está a me confundir. É melhor não reagir só. Vou te meter a sentir o cheiro da terra! – Manipulou a arma e apontou em

direção à nuca do senhor que estava de costas para ele. – Não brinca comigo porra!

– Mano, entrega só. O que importa aqui é a vida. – Aconselhou um passageiro em voz baixa para o senhor.

– Calma. Não adianta ser remitente. Ele pode estar drogado, obedece só.

O senhor tirou o dinheiro da cueca quase com uma enorme vontade de chorar e entregou no cobrador com o semblante mais triste. O cobrador por sua vez usou a parte traseira da arma e bateu com força na cabeça do senhor.

– Se mais um filho da puta tentar mentir que não tem dinheiro, vou lhe cubar na hora. Entreguem a porra do dinheiro se não querem morrer agora!

Pelas ultimas palavras, o cobrador deixou bem claro para todos que tinha o poder de decidir quem morreria e quem viveria naquele momento. Fazendo com que todos tivessem o mesmo sentimento de que as suas vidas dependiam da boa vontade do marginal e que estavam realmente em uma situação de perigo de morte.

Quando o senhor se levantou do chão, apalpou a cabeça a fim de confirmar se havia sangue, olhou para as mãos e falou aliviado para o senhor que lhe deu o conselho:

– Esses eram os últimos três mil que me emprestaram para comprar medicamento para os meus filhos que estão doentes. Fogoh, não sei o que fazer agora. – Passou a mão sobre cabeça dorida.

– Se Deus quiser, vamos sair daqui vivos e isso é o que importa para os teus filhos.

O cobrador e o motorista recolheram todos os pertences dos passageiros que mandaram descer, mas deixaram ficar dentro do carro duas jovens, uma sentada no banco do meio e outra no último banco. Alguns senhores pediram educadamente que os assaltantes deixassem as moças descer, mas eles não responderam e arrancaram o carro com elas dentro.

Luena continuava estática sentada a beira da estrada enquanto que os outros passageiros corriam pedindo ajuda pelos carros que passavam.

Enquanto as pessoas se dispersavam por ali, Luena continuava estática, sem voz e sem forças para pedir ajuda. Ficou ali parada por muito tempo. Não conseguia tirar da mente a arma que lhe foi colocada na testa, o medo lhe deixou sem acção e sem reacção. Até que por segundos parou um

Mazda cinzento. Uma senhora desconhecida aproximou-se dela e questionou:

– Menina estás bem? – A senhora aproximou-se preocupada.

– Fomos assaltados... Levaram tudo! – Falou com muita dificuldade e com olhar distante.

– O que eles te fizeram. Estás a tremer menina!

– Ele... ele apontou a arma na minha testa, queria me... me matar.

– Como assim? Você conhece os bandidos?

– Foi no táxi. O motorista e o cobrador eram bandidos e levaram tudo que tínhamos e mais umas moças.

– Meu Deus! Essa cidade já não está segura mesmo. Agora os bandidos são os próprios taxistas. – A senhora pôs a mão na cabeça e lamentou muito a situação. – Vives aonde?

– No bairro da Petrofe.

– Petrofe? É distante daqui. Como é que vieste parar aqui?

– Estava a ir para o Kilamba trançar o cabelo de uma cliente.

– Sinto muito menina. Como te chamas?

– Luena...

– Sou a Laurinda. Possas nem sei mais o que dizer dessa situação, Acalma-te. O melhor é que estás viva. Agradeça a Deus por isso.

A senhora voltou-se para o carro e abriu a carteira tirando uma nota verde de dois mil kwanzas.

– Lamento muito pelo que te aconteceu. Toma esse dinheiro para voltares para casa menina.

– Não, obrigada senhora. Eu não vou conseguir subir em nenhum táxi.

– Mas tu tens que ir para casa. Não deves ficar aqui nesse estado!

– Não vou conseguir.

– O que é que eu faço contigo?

– Deixa só ligar para a minha mãe, por favor. Vou pedir para vir me buscar.

– Está bem então. Mas a tua mãe conduz?

– Não. Mas ela vai vir.

– Dita o número dela. – Luena ditou o número da mãe com alguma dificuldade, estava a falar com muito esforço porque sentia a voz a falhar e a garganta seca que causava dor ao pronunciar qualquer palavra.

– Deixa que eu fale com a tua mãe.

A Senhora falou com a mãe de Luena que se mostrou muito preocupada. Por sentir a dor daquela mãe do outro lado da linha decidiu ajudar um pouco mais a menina por que o coração dela também não ficaria bem sabendo que ela ficaria aí sentada ao relento naquele estado.

– Falei com a tua mãe e lhe disse para não se preocupar porque eu vou levar-te para casa. Eu vou agora para o trabalho que fica no zango zero, te levo comigo, comes alguma coisa, descanças um pouco e no caminho de volta te deixo em casa. Não é o meu caminho, mas eu não vou ficar bem se te deixar aqui. Levanta, vamos!

A senhora ajudou Luena a levantar-se e a levou consigo para o trabalho. No final do dia, levou Luena para casa como tinha prometido.

– Muito obrigada. Que Deus te abençoe senhora Laurinda. Você foi um anjo que Deus enviou para ajudar a minha filha! – Agradeceu Dona Chica muito feliz.

– Não tem de quê, Dona Chica. Foi um enorme prazer ajudar essa menina. Tem uma filha muito corajosa e valente.

– É verdade. Espera só um pouco.

Dona Chica foi para a cozinha e tirou duas garrafas de um litro e meio de kissangua e ofereceu para a senhora Laurinda em gesto de agradecimento.

– Dona Chica, obrigada, mas não vou aceitar. Fiz tudo isso de coração por que eu também sou mãe. Ninguém quer ver a sua filha em uma situação como essa.

– Por favor, aceita. É o mínimo que posso fazer para lhe agradecer.

– Não posso aceitar.

– Por favor. Essa kissangua é o melhor que eu tenho para oferecer. Eu insisto.

– Se a Dona Laurinda não aceitar a mamã não vai dormir bem essa noite. Por favor, leva para os teus filhos, eles vão gostar. – Falou Luena que estava deitada no luando do quintal e em volta dela estavam os irmãos que a rodeavam aliviados.

– Está bem. Só vou aceitar porque vocês insistiram. –Recebeu finalmente as garrafas de kissangua nas mãos da Dona Chica que lhe entregou muito feliz.

– Obrigada por tudo. Agora tenho que ir.

– Que Deus te cuide e te guarde hoje e sempre. Você é uma pessoa de muita luz. Que ngana mzambi continue a iluminar o teu caminho e sempre que quiser as portas dessa humilde casa estarão abertas para você.

– Obrigada!

A senhora Laurinda deixou a casa de Luena por volta das vinte horas e seguiu caminho para casa, satisfeita e com o coração mais tranquilo.

FIM

Expressões de Angola

LOTOU- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. O termo de origem é lotação. Preencher o número máximo de pessoas que é permitido no código da estrada.

WUEH-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Este calão é usado normalmente para expressar uma afirmação.

REMITENTE-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um indivíduo que se recusa a seguir ordens de outro, expressado como calão.

WEY-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um amigo, um calão usado para pessoas de maior intimidade.

ERREH-- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a reclamação ou admiração por alguma razão entendida pelo indivíduo que a usa.

TE CUBAR – A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a afirmação expressiva de matar um indivíduo.

HE HE HE - A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um termo informal que representa admiração.

MAZÉ- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal.

XÉ- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a admiração ou um alerta.

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA
DA COSTA, SOU
FORMADA EM
ENGENHARIA DE
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A
ESCREVER LIVROS POR
SER APAIXONADA PELA
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR
TER LIDO MAIS UMA
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR
E LIGUE SE PUDER
AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: A006.0040.0000.0457.3824.1019.6

*Juvenália
Da Costa*